

**PSICANÁLISE E DECOLONIALIDADE:
ONDE ESTAMOS E PARA ONDE IR?**

Matheus Faria Ferreira; George Miguel Thisoteine; André Luiz Gellis.
matheus.f.ferreira@unesp.br

Departamento de psicologia da Faculdade de Ciências, UNESP campus de Bauru.

Introdução:

A colonialidade, sendo um produto da modernidade, opera através de uma violência epistêmica que sustenta a relação de opressão colonizador-colonizado (Ayouch, 2023, Fuks; Farias, 2023, Salaberry; D'Agord, 2023, Basso; Weinmann, 2019, Osman, 2024, Costa-Moura, 2023, Guerra et al., 2021). A psicanálise, se entendida como um produto da modernidade europeia, carrega consigo marcas do pensamento oriundo da colonialidade (Ayouch, 2023, Sousa-Duarte; Morais, 2024, Sevalho; Dias, 2022, Bassan; Drehmer, 2023). Essas marcas deixadas pela colonialidade no não-dito do fazer psicanalítico podem provocar impasses epistêmicos e limitações na atuação do analista quando confrontada com a alteridade que fora ignorada na formulação teórica que baseia sua prática (Mollica; Galdino, 2023, Bassan; Drehmer, 2023, Tietboehl; Poli, 2023, Sevalho; Dias, 2022, Salaberry; D'Agord, 2023, Lanza, 2021). As questões acima são problemas comuns aos artigos levantados e permitem mapear uma corrente de pensamento científico já expressiva no campo da psicanálise que se esforça por promover avanços críticos contra o pensamento colonial, em interlocução com outros saberes. Nesse sentido, os autores enfatizam também a importância para que a psicanálise se torne mais permeável aos debates sociopolíticos e seja capaz de oferecer um trabalho ético para as subjetividades que foram historicamente marginalizadas (Ayouch, 2023, Sousa-Duarte; Morais, 2024, Bassan; Drehmer, 2023, Costa-Moura, 2023, Tietboehl; Poli, 2023, Queiroz, 2023, Guerra; et al., 2021).

Objetivos:

O objetivo principal deste estudo é o rastreamento e a identificação das principais correntes argumentativas e desenvolvimentos teóricos que estão sendo produzidos na literatura científica sobre a relação entre a Psicanálise e a Decolonialidade. Os objetivos específicos são: (1) o levantamento de temas emergentes presentes na amostra; (2) construção de categorias semânticas mutuamente excludentes baseada na análise temática; (3) discussão dos resultados encontrados através da metodologia de análise de conteúdo (Bardin, 2011) apresentando em que situação se encontra o debate acadêmico sobre o tema do objetivo principal.

Método:

Trata-se de um estudo de natureza qualitativa, de caráter descritivo-exploratório (Sampieri; Collado; Lucio, 2013), construído a partir de um corpus coletado através de uma revisão sistemática da literatura científica de produção brasileira e publicada em português. Foram realizadas buscas na base de dados “Periódicos CAPES” combinando o descritor “Psicanálise” com os descritores “decolonialidade”, “decolonial”, “decoloniais”, “colonialidade”, “decolonizar”, “descolonizar”, “pós-colonial” e “pós-coloniais” sucessivamente. Foram encontrados 54 artigos no total, dos quais 8 foram imediatamente descartados por se repetirem nas diferentes buscas. Na fase de pré-análise, estabeleceu-se o critério de que seriam incluídos na revisão somente artigos científicos, em língua portuguesa, de acesso aberto na Comunidade Acadêmica Federada (CAFE), publicados desde 2010 (ano da primeira publicação encontrada) até 2025 (Bardin, 2011). Em seguida, procedeu-se com a leitura dos títulos e resumos de todos os artigos da amostra para aplicação da regra de homogeneidade (Bardin, 2011), 6 materiais foram excluídos por não serem artigos científicos, 4 artigos foram excluídos por estarem em plataformas de acesso fechado e 3 artigos foram excluídos por estarem disponíveis apenas em inglês em revistas estrangeiras, ainda que produzidos por autores brasileiros. Restaram 33 artigos dentro dos critérios de busca que compõem a amostra final desta revisão.

Diante dessa amostra, procedeu-se com a leitura na íntegra de todos os artigos, realizando uma análise semântica das passagens e argumentos da obra, utilizando o tema como unidade de registro para realizar agrupamentos que antecedem à categorização, foram levantados diversos temas como: ‘mitologia’, ‘política’, ‘técnica psicanalítica’, ‘desobediência epistemológica’, ‘questões éticas’ entre outros (Bardin, 2011). Em seguida, procedeu-se com um critério de categorização semântico, em um procedimento ‘por acervo’, onde o sistema de categorias resulta da classificação analógica e progressiva dos elementos, resultando em 3 categorias mutuamente excludentes: ‘Os limites de uma posição conversadora na psicanálise’, ‘Os impasses epistêmicos diante da alteridade’ e ‘Alternativas ético-decoloniais para prática psicanalítica’ (Bardin, 2011).

Por fim, buscou-se discutir os resultados encontrados à luz dos temas levantados, que produziu categorias semânticas e permitiu a inferência de uma intertextualidade na amostra (Markoni; Lakatos, 2022). Com isso, objetivou-se rastrear sinergias e dissonâncias nos discursos acadêmicos produzidos sobre a relação entre Psicanálise e Decolonialidade. Por fim, realizou-se uma síntese dos resultados encontrados e dos horizontes de pensamento que eles permitem para futuras investigações.

Resultados Preliminares:

Dado o estado inconcluso da presente investigação e a necessidade de síntese das discussões para atender aos critérios formais estabelecidos no edital, optou-se por tratar os resultados por um recorte a partir de uma sequência eleita por conveniência.

O primeiro elemento semântico e temático comum aponta para: as limitações que uma psicanálise construída em um contexto patriarcal, racista, cis normativo e eurocêntrico enfrenta ao lidar com a alteridade de subjetividades historicamente excluídas do processo de construção do saber hegemônico.

Um desses impasses, reafirmado por diferentes autores, é uma ideia que ressoa como um seletivismo epistêmico, que os autores/as consideram importante ser questionado. Isto é, seria a escolha da mitologia grega a única possível e adequada para a construção dos conceitos psicanalíticos? Sendo estes conceitos construídos com base em uma visão de mundo eurocentrada, seriam adequados para uma atuação com comunidades construídas sobre matrizes simbólicas completamente diferentes? (Mollica; Galdino, 2023, Bassan; Drehmer, 2023, Tietboehl; Poli, 2023).

É importante destacar a tese do seletivismo epistêmico, instrumento do projeto de dominação colonial, que opera através de uma violência epistemológica, isto é, um processo de hierarquização de saberes onde constrói-se a ideia de um saber dominante e ‘verdadeiro’ que se reafirma na contraposição a um saber ‘periférico’ ou ‘primitivo’ (Ayouch, 2023, Fuks; Farias, 2023, Salaberry; D’Agord, 2023, Basso; Weinmann, 2019, Osman, 2024, Costa-Moura, 2023, Guerra et al, 2021). As limitações encontradas na prática psicanalítica diante da alteridade que lhe escapa são, em parte, o resultado das lacunas clivadas por este epistemicídio.

A obra do psiquiatra franco-caribenho Frantz Fanon aparece reiteradamente como um dos principais pivôs da crítica decolonial direcionada à psicanálise e da relação entre o psicanalista e a política (Sevalho; Dias, 2022, Salaberry; D’Agord, 2023, Lanza, 2021). Sevalho e Dias (2022) enfatizam a contribuição de Fanon ao problematizar as condições teórico-formativas que o psicanalista possui para lidar com a realidade do sofrimento de sujeitos racializados, inadequação que leva a necessidade de considerar uma sociogênese do sofrimento psíquico, onde elementos institucionais, sociais e culturais apresentam papel igualmente importante aos dos aspectos orgânicos e psicológicos na etiologia de um quadro clínico.

Silva e Neto (2023), ao citarem Lacan, propõem a necessidade de uma transformação da prática clínica, de uma ampliação contínua da práxis psicanalítica, dada a interligação da política e da constituição inconsciente. Guerra et al. (2021) destacam as marcas (gênero, sexualidade, raça, classe, etc.) que a matriz colonial do poder inscreve nas subjetividades, para afirmar a inclusão do maior número dessas variantes, dado que estas compõem o quadro

histórico e geopolítico do sofrimento mental dos sujeitos. Por fim, Queiroz (2023) prescreve “recusar a historicidade do discurso e a sua inscrição política é, de todo modo, uma opção política, já que configura escolha de fazer parte de jogos de poder que favorecem a ordem e o conservadorismo, em detrimento da transformação e da criação” (Ayouch, 2019 apud Queiroz, 2023, p. 1386). Segundo Costa-Moura (2023), essa opção política é incontornável, dado o caráter constante da relação de violência opressor-oprimido, cabe aos analistas decidirem com que tipo de violência vão se comprometer: a que mantém as estruturas de opressão ou a que tenta rompê-las.

Outro elemento semântico e temático comum aos trabalhos: às possibilidades de atuação e de posturas éticas para a construção de uma prática psicanalítica decolonial. Existe uma corrente de pensamento relevante na amostra analisada, que estabelece como primeiro passo para uma prática psicanalítica decolonial, o que denominam uma ‘desobediência epistemológica’ (Ayouch, 2023, Sousa-Duarte; Morais, 2024, Bassan; Drehmer, 2023). Isto é, para superar os limites de uma teoria eurocentrada, seria necessário certo grau de desobediência no processo de construção do saber, uma desobediência marcada por dois fatores: o constante questionamento do lugar de Mestre ocupado por pessoas e instituições na produção discursiva sobre a psicanálise e a incessante interlocução com outros campos do saber visando ampliar horizontes de entendimento e atuação (Costa-Moura, 2023, Tietboehl; Poli, 2023).

A epistemologia do posicionamento e a epistemologia da ignorância são apontadas por Thamy Ayouch (2023) como ferramentas que podem ser úteis para operar essa desobediência epistêmica. Segundo o autor, essas ferramentas permitem “conceber a experiência como modalidade de conhecimento e o conhecimento como política de identidade” (p. 1209) e assim permitem a construção de uma prática psicanalítica epistemologicamente situada e ‘hibridada’ em sua relação com outros campos do saber. O resultado almejado por essa postura é ser capaz de oferecer ao paciente, através de uma escuta situada, “a fluidez psíquica, a possibilidade de optar por se posicionar, agir ou não agir em relação às estruturas sociais (...) assumir uma posição de sujeito, ser capaz de falar em seu próprio nome (...) poder ter uma agentividade” (p. 1209).

Nesse sentido, o estudo exploratório de Souza-Duarte e Morais (2024), composto por 13 entrevistas com psicólogas e psicanalistas negras, observa que essa desobediência epistemológica é precedida por uma desobediência ontológica. Isto é, foi necessário para as participantes perceberem-se como negras e perceberem as marcas da branquitude no meio psicanalítico, para, posteriormente, engajarem-se em práticas antirracistas. Mais além, este estudo também constatou que das 13 entrevistadas, apenas três não realizaram articulações entre

Psicanálise e raça em suas formações, o que indica uma maioria de vozes que se posicionaram a construir formas não hegemônicas de discurso e até de saberes.

A atuação dessas psicólogas converge com outra ideia encontrada, proposta pelo psicanalista Eric Laurent, de analista cidadão. Uma figura responsável por ‘privilegiar convergências entre o discurso analítico e uma política democrática inclusiva’ (Queiroz, 2023, p. 1387), atuando através de uma participação ativa no debate democrático, partindo de uma posição construída em interface com outros saberes, tomando ‘o inconsciente como elemento para pensar a transformação das condições sociais de desigualdade’ (Guerra et al., 2021, p. 2). Esta é uma tarefa ética da maior importância, estabelecida com clareza nos princípios fundamentais do Código de Ética do Conselho Federal de Psicologia (CFP, 2005).

Conclusão:

Os resultados preliminares encontrados demonstraram que existem movimentos antagônicos em relação a influência dos estudos decoloniais e de outras correntes de pensamento na construção do saber psicanalítico. Em síntese, existem grupos defensores de uma certa ortodoxia e universalidade da psicanálise, contraposto a grupos defensores de uma necessidade de constante atualização e pluralização da clínica (Salaberry; D’Agord, 2023). A produção científica brasileira se mostra preocupada em desvelar impasses epistêmicos e a insuficiência de parte da psicanálise (aquela que não se diz, mas que é hegemônica) diante da alteridade da realidade sócio-histórica, o que a torna capaz de levantar novos questionamentos e desafios.

Esses esforços buscam promover debates e alternativas ético-metodológicas capazes de superar a reprodução dos esquemas de dominação e opressão característicos da colonialidade dentro da psicanálise. A produção científica em torno desse objetivo se mostrou heterogênea, bem como sendo um debate recente, contemporâneo e já com um volume de produção acadêmica considerável. Futuras investigações devem promover uma reflexão crítica e um aprofundamento dessas discussões.

Referências:

AYOUCH, Thamy. Quem Pode Falar no Divã? Raça e Psicanálise Situada. **Estudos e pesquisas em psicologia**, Rio de Janeiro, v. 23, n. spe, p. 1193-1211, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/epp.2023.79962>.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.

BASSAN, João Pedro Fraga; DREHMER, Luciana Balestrin Redivo. Do Complexo de Édipo à Mitologia Iorubá: perspectivas de uma psicanálise decolonial. **Diaphora**, Porto Alegre, v. 12,

n. 1, p. 45-51, 2023. Disponível em <<https://www.sprgs.org.br/diaphora/ojs/index.php/diaphora/article/view/421>>. Acesso em 16 jul. 2025.

BASSO, Fernando; WEINMANN, Amadeu de Oliveira. Casa-grande, discurso do mestre e senzala: interpretação e colonialidade. **Revista Polis Psique**, Porto Alegre, v. 9, n. 3, p. 133-151, 2019. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2238152X2019000300009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 16 jul. 2025.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (CFP – Brasil). Código de Ética Profissional do Psicólogo. Brasília, 2005. Disponível em <<https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2012/07/codigo-de-etica-psicologia.pdf>>. Acesso em: 16 jul. 2025.

COSTA-MOURA, Fernando. DE ANTAGONISMOS, DESLOCAMENTOS E GRILHÕES. **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica**, Rio de Janeiro, v. 26, p. 1-9, 2023. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/agora/a/H6GrebZJMmRLTNQNMbGrhdb/abstract/?lang=pt>>. Acesso em 26 jul. 2025. <https://doi.org/10.1590/1809-4414-2023-02>.

FUKS, Betty Bernardo; FARIAS, Ana Paula Galdino de. Do Narcisismo das Pequenas Diferenças ao Gozo Narcísico Racismo, Colonialidade, Segregação, Genocídio. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 23, n. spe, p. 1271-1290, 2023. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S180842812023000701271&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 26 jul. 2025. <https://doi.org/10.12957/epp.2023.80104>.

GUERRA, Andréa Máris Campos, *et al.* Ocupação antirracista e decolonial do espaço psicanalítico. **Quaderns de Psicologia**, v. 23, n. 3, p. e1787, 2021. Disponível em <<https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/8495575.pdf>>. Acesso em 26 jul. 2025. <https://doi.org/10.5565/rev/qpsicologia.1787>.

LANZA, Hugo Ribeiro. Frantz Fanon e a Psicologia: Contribuições para a Prática Clínica. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 3, p. 1144-1159, dez. 2021. Disponível em

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S180842812021000300017&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 26 jul. 2025. <https://doi.org/10.12957/epp.2021.62732>.

MARCONI, Marina de A.; LAKATOS, Eva M. **Metodologia Científica**. 8. ed. Rio de Janeiro: Atlas, 2022. E-book. p.311. ISBN 9786559770670. Disponível em: <<https://app.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9786559770670/>>. Acesso em: 16 jul. 2025.

MOLLICA, Mariana; GALDINO, Ana Paula. O LUGAR DO SONHO E DA TEMPORALIDADE PARA POVOS INDÍGENAS: UMA QUESTÃO PRELIMINAR AO TRATAMENTO DECOLONIAL DO INCONSCIENTE. **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica**, v. 26, p. e280767, 2023. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/agora/a/WKDCYwhP4WzBzYFYrfDdbjp/>>. Acesso em 16 jul. 2025. <https://doi.org/10.1590/1809-4414-2023-020>.

OSMAN, Elzahrã Mohamed Radwan Oma. Perder a mãe: uma categoria colonial? **Trans/Form/Ação: revista de filosofia da Unesp**, Marília, v. 47, n. 2, p. e02400227, 2024. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/trans/a/PXVW6g8fK5RjqkFYrCmzdZG/>>. Acesso em 16 jul. 2025. <https://doi.org/10.1590/0101-3173.2024.v47.n2.e02400227>.

QUEIROZ, Adriana Silva. A Questão da Identidade: Uma Articulação entre Psicanálise e Estudos Decoloniais. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 23, n. spe, p. 1384-1404, 2023. Disponível em <https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812023000701384>. Acesso em 18 jul. 2025. <https://doi.org/10.12957/epp.2023.80198>.

SALABERRY, Ismael Leonardi; D'AGORD, Marta Regina de Leão. Hic Sunt Dracones: Algumas Considerações sobre a Psicanálise e a Obra de Frantz Fanon. **Estudos e pesquisas em psicologia**, Rio de Janeiro, v. 23, n. spe, p. 1405-1426, 2023. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S180842812023000701405&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em 16 jul. 2025. <https://doi.org/10.12957/epp.2023.80238>.

SAMPIERI, Roberto H.; COLLADO, Carlos F.; LUCIO, María D. P B. **Metodologia de pesquisa**. 5. ed. Porto Alegre: Penso, 2013. E-book. p.ii. ISBN 9788565848367. Disponível em <<https://app.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9788565848367/>>. Acesso em: 26 jul. 2025.

SEVALHO, Gil; DIAS, João Vinicius dos Santos. Frantz Fanon, descolonização e o saber em saúde mental: contribuições para a saúde coletiva brasileira. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 3, p. 937–946, 2022. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/csc/a/QJ9zhYGmCNHWvTJpt5pR8dD/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 26 jul. 2025. <https://doi.org/10.1590/1413-81232022273.42612020>.

SILVA, Fernanda Soares Pereira de Carvalho; NETO, João Leite Ferreira. A segregação pela singularidade: um olhar psicanalítico sobre o conceito fanoniano de zona do “não-ser”. **Revista de Psicanálise Stylus**, São Paulo, v. 1, n. 46, p. pp. 129–137, 2023. Disponível em <<https://stylus.emnuvens.com.br/cs/article/view/1045/699>>. Acesso em: 26 jul. 2025. <https://doi.org/10.31683/stylus.v1i46.1045>.

SOUSA-DUARTE, Fernanda; MORAIS, Ana Paula. Uma psicanálise negra: desobediências ontológicas e epistêmicas de psicólogas e psicanalistas racializadas. **Psicologia & Sociedade**, v. 36, p. 1-15, 2024. Disponível em <<http://dx.doi.org/10.1590/1807-0310/2024v36276395>>. Acessos em 16 jul. 2025. ISSN 1807-0310.

TIETBOEHL, Léo; POLI, Maria Cristina. Desfazer o Mestre, ou Reinventar a Ordem: Apontamentos para uma Psicanálise Política. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 4, p. 1445–1465, 2023. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revispsi/article/view/80337>. Acesso em: 26 jul. 2025. <https://doi.org/10.12957/epp.2023.80337>.